



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS E ESPANHOL**

Andrievertton de Souza Costa

**Quebra de hegemonia e construção de uma nova identidade social: o discurso
da Deputada Federal Érika Hilton**

Recife
2025

Andrieverton de Souza Costa

Quebra de hegemonia e construção de uma nova identidade social: o discurso da Deputada Federal Érika Hilton

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como parte do requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras-Português e Espanhol.

Orientadora: Profa. Dra. Vicentina Ramires

Recife
2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu eu criança que brincava de ser professor.

AGRADECIMENTOS

No evangelho de São Lucas, capítulo 10, do versículo 1 em diante, Jesus pede para que os discípulos saiam em missão em duplas, mostrando que sozinhos até conseguimos realizar alguma coisa, mas é na presença daqueles que também acreditam no propósito que a colheita dos frutos dessa missão é mais rica. Diante disso, eu gostaria de iniciar agradecendo a Deus, por, ao longo de todos esses anos, ter me dado toda a sabedoria e a resiliência necessárias para suportar todas as adversidades. Agradeço também a intercessão de Nossa Senhora, que, como uma boa mãe, não deixou seu filho desamparado e esteve sempre à frente dos meus caminhos, intercedendo por mim, protegendo-me e acalentando-me no seu bom colo de mãe.

Gostaria também de agradecer a minha querida avó, Maria dos Prazeres Lenilda Moreira, que também é minha Mainha, por ter sido, ao longo de todos esses anos, o meu alicerce. Agradeço também por ela sempre ter me mostrado que a educação era o melhor caminho a ser seguido, por sempre ter me apoiado, por nunca ter desistido de mim e por sempre acreditar em meu potencial, mostrando-me que eu era capaz e que eu iria conseguir, e que, se por alguma razão eu não viesse a conseguir, eu teria um colo de mãe para voltar.

Além dela, agradeço a Sebastião Severino da Silva, meu querido pai de criação, aquele que me escolheu para me amar como filho e que sempre me fez sentir como tal. Junto com Mainha, eles sempre me deram o amor e o conforto necessários para me manter estudando. Com o suor do trabalho das lavouras das usinas de corte de cana, ele me deu todo o apoio financeiro necessário para me manter estudando, e, mesmo em meio às dificuldades, sempre me mostrou que deixar de estudar não seria uma opção, e que ele daria conta de tudo.

Também gostaria de agradecer à minha querida mama - apelido carinhoso no qual eu me referia a ela - , que hoje é a nossa querida estrelinha, mas que, enquanto esteve viva, não deixou de acreditar nos meus sonhos e, com todo seu amor, sempre foi um combustível para que eu seguisse lutando, além de ter sido a minha grande professora doméstica.

Agradeço também aos meus grandes mestres da educação básica, que fizeram jus à tão famosa frase de Paulo Freire, e fizeram com que a educação não

transformasse o mundo, mas transformasse um ser que, por vezes, desacreditou tanto de si, mas que agora tenta transformar o mundo. Um agradecimento especial ao meu mestre de História, o meu querido professor Tarcísio, que sempre foi meu grande incentivador e que, durante meu processo de vestibular, foi uma figura essencial em minha vida, segurando a minha mão até mesmo após a tão sonhada aprovação. A Teone, meu mestre de Física, que me socorreu em um dos momentos mais difíceis de minha vida, e que, com todo seu amor, tornou-se não só um grande professor em minha vida, mas também um grande amigo que guardo em meu coração com muito carinho. À Elisabeth, a nossa querida Betinha, que, com todo o seu amor e paixão pelas letras, me fez trocar exatas por letras (ufa, ainda bem que isso aconteceu), e que, sem dúvidas, é a minha grande inspiração e uma grande mãe na educação. Que Deus me dê a oportunidade de ser na vida dos meus alunos um terço do que esses professores foram na minha vida.

Neste momento, eu também não poderia deixar de agradecer a minha querida orientadora Vicentina Ramires, que sempre acreditou em mim, que me abriu portas através das quais eu não imaginava que seria capaz de passar e que, com todo o seu amor e carinho, me ajudou ao longo de toda a minha trajetória acadêmica, sendo parte essencial dela.

Ademais, eu também gostaria de agradecer aos meus queridos irmãos, Arthur, Alisson, Annelisy, Mariane e Damily, que não só compartilham os laços sanguíneos comigo, mas também a vida e todos os traumas que ela nos trouxe. Espero estar sendo sinônimo de amor e uma inspiração na vida de vocês. Saibam que sem vocês eu não seria nada.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos, em especial à Aline Arielle, que cresceu comigo e se tornou uma grande irmã. À Camily, Maria do Rosário, Yasmin, Joice e Sidney, que fizeram com que a frase “da escola para vida” fizesse sentido. Ao meu padrinho Emerson e a minha madrinha Maiara, que, além de amigos, se tornaram minha família. A Jamily, Manu, Lucas, Raynara, Rafaela, Roberta, Adrielson, Mari, Elida e Angelica que poderiam ter sido apenas meros colegas que moram na mesma cidade e que por coincidência estudavam na mesma Universidade, mas que se tornaram grandes amigos, que se amam e se ajudam nesse processo tão difícil, que é ser aluno do interior que estuda na capital. Com isso aproveito para agradecer à Amanda, Lucas de GG, Gabriel, Eduarda, Rayssa, Elton e Hillary, que, por passarem por situações parecidas com a nossa,

tornaram-se grandes amigos e fizeram com que as minhas longas noites de espera na parada de ônibus fossem muito mais felizes. À Sabrina e à Millena, minhas grandes amigas e irmãs que sempre me apoiaram. E aos meus grandes amigos que a Universidade e o curso de Letras me proporcionaram: Aline Victória, Ana Cláudia, Demili, Diego, Jéssica, Karol, Hyorrana, Thiago, Victor e Laura, que fizeram com que a caminhada fosse mais tranquila.

Todos vocês foram essenciais, tanto no meu processo de ensino-aprendizagem, quanto no meu processo de transformação enquanto pessoa. Com vocês meus dias são mais completos e a vida é mais colorida.

EPIGRAFE

“Eu sou a continuação de um sonho
De minha mãe, do meu pai, de todos que
vieram antes de mim...

Eu sou a continuação de um sonho
Da minha vó, do meu avô, quem sangrou
para gente poder sorrir”

-BK

RESUMO

A presente monografia apresenta questões relacionadas ao discurso da Deputada Federal Erika Hilton, cujo objetivo principal é analisar esse discurso com base nos estudos propostos pela Análise Crítica do Discurso (ACD), especialmente a partir das contribuições teóricas fornecidas por Van Dijk (2006) e Norman Fairclough (2001). Portanto, o trabalho busca compreender como o discurso de Erika Hilton ajuda a quebrar a hegemonia existente na política brasileira e também a compreender como esse discurso também ajuda na construção de uma nova identidade social, especialmente no que se refere às questões voltadas às minorias sociais. A partir da análise de entrevistas, pronunciamentos, projetos de leis e publicações em redes sociais, foi possível observar que o discurso da deputada federal tem como base temas como igualdade de gênero, direitos LGBTQIAPN+, justiça social e combate ao racismo. Os resultados apontam que Erika Hilton, ao ocupar um espaço historicamente reservado a homens cis, brancos e heterossexuais, ajuda a ressignificar o papel do sujeito político ao propor uma linguagem acessível, engajada e pautada na transformação social, levando o eleitorado brasileiro a questionar-se a respeito de temáticas que ao longo de décadas foram silenciadas. Dessa forma, conclui-se que sua atuação político-discursiva representa não apenas uma quebra simbólica com as estruturas hegemônicas da política brasileira, mas também a construção de uma nova identidade política e social marcada pela diversidade, empatia e resistência.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Erika Hilton. Identidade Social. Hegemonia. Representatividade.

RESUMEN

La presente monografía presenta cuestiones relacionadas con el discurso de la entonces Diputada Federal Érika Hilton con objetivo principal analizar el discurso de la diputada basándose en los estudios propuestos por el Análisis del Discurso Crítico (ACD), especialmente a partir de las contribuciones teóricas proporcionadas por Van Dijk (2006) y Norman Fairclough (2001) en sus estudios. Así, el trabajo busca comprender cómo el discurso de Érika Hilton ayuda a romper la hegemonía existente en la política brasileña y también a entender cómo este discurso contribuye a la construcción de una nueva identidad social, especialmente en lo que se refiere a temas pertinentes a las minorías sociales. A partir del análisis de entrevistas, pronunciamientos, proyectos de ley y publicaciones en redes sociales, fue posible observar que el discurso de la diputada federal se basa en temas como igualdad de género, derechos LGBTQIAPN+, justicia social y lucha contra el racismo. Los resultados señalan que Érika Hilton, al ocupar un espacio históricamente reservado a hombres cis, blancos y heterosexuales, ayuda a resignificar el papel del sujeto político al proponer un lenguaje accesible, comprometido y centrado en la transformación social, llevando al electorado brasileño a cuestionarse acerca de temáticas que a lo largo de décadas fueron silenciadas. De esta manera, se concluye que su actuación política - discursiva representa no sólo una ruptura simbólica con las estructuras hegemónicas de la política brasileña, sino también la construcción de una nueva identidad política y social marcada por la diversidad, empatía y resistencia.

Palabras clave: Análisis del Discurso Crítico. Erika Hilton. Identidad Social. Hegemonía. Representatividad.

SUMÁRIO

1 Introdução	11
2 Objetivos	12
2.1 Objetivo geral	12
2.2 Objetivo específico	12
3 Metodologia	12
4 Contextualização teórica	13
4.1 Discurso e política: a importância do discurso na política	13
4.2 Principais fundamentos teóricos da Análise do Discurso	14
5 Erika Hilton	17
5.1 A ascensão da Erika Hilton na política brasileira	18
6 Erika Hilton e a importância do seu discurso para a política brasileira	20
6.1 Erika Hilton e a importância dos seus Projetos de Leis para a quebra da hegemonia	21
6.2 Erika Hilton e a importância de suas entrevistas para a construção de novos significados	23
7 Conclusão.....	25
Referências	26

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2022, ano da última eleição presidencial, o número de mulheres que estavam aptas a votar representava cerca de 52% do eleitorado brasileiro, segundo dados divulgados pelo projeto de unificação dos canais digitais do governo federal, o GOV. Entretanto, quando se observa o percentual de mulheres que foram eleitas para ocupar os cargos de deputadas e senadoras nesse mesmo ano, observa-se que o número cai drasticamente. Esse cenário de desigualdade política ainda ocorre nos dias atuais, mesmo com a existência das políticas de cotas, que visam aumentar a representatividade feminina na política nacional. Tal cenário pode ser resultado da ascensão da extrema direita no Brasil, que, ao contribuir com discursos que visam promover a restrição do acesso a essas e outras minorias a cargos de poder, faz com que o acesso a esses cargos seja cada vez mais difícil.

Entretanto, apesar dessa ascensão da extrema direita no país, o número de candidaturas de pessoas LGBTQIAP+ para cargos legislativos teve um aumento significativo, resultando na eleição das duas primeiras mulheres trans para o cargo de deputadas federais. Erika Hilton (PSOL-SP) e Duda Salabert (MDB-MG) foram então as duas primeiras mulheres trans a ocupar um dos mais altos cargos da política brasileira, sendo Erika a primeira mulher trans preta a ocupar esse cargo, passando a ser peças importantes na defesa dos direitos de todas as minorias, em especial, na defesa dos direitos da comunidade LGBTQIAP+.

Nesse cenário, a Deputada Federal Erika Hilton surgiu como uma figura de esperança para a esquerda brasileira, uma vez que, desde que passou a fazer parte da política, mostrou ser alguém com um perfil de liderança. Assim, desde que assumiu sua cadeira na câmara de deputados, Erika Hilton foi uma das deputadas mais atuantes, sempre envolvida em projetos que tivessem como objetivo a manutenção ou a ampliação dos direitos das mulheres, das pessoas autodeclaradas pretas/pardas, da comunidade LGBTQIAP+ e dos trabalhadores. Durante seu atual mandato como deputada, ela tem sido responsável por suscitar debates de extrema importância para o povo brasileiro, como, por exemplo, o fim da atual escala de jornada de trabalho dos trabalhadores que atualmente corresponde a 6 de 7 dias semanais. Além de ser uma figura marcante na Câmara de Deputados Federais,

tem sido uma figura importante nas mídias sociais brasileiras, representando sua força também no meio digital.

Portanto, estudar todas as questões que envolvem uma figura tão emblemática para a política brasileira como a Erika Hilton é extremamente necessário, uma vez que, ao analisar todas essas questões, é possível compreender como se constitui a política brasileira e, mais ainda, como a produção de discursos na nossa sociedade pode influenciar o atual momento político em que o país vive.

Para realizar essa análise, foram utilizados os recortes discursivos presentes em projetos de leis coletados nas páginas oficiais da deputada e da Câmara Federal, além de um acompanhamento de suas redes sociais e do acesso a entrevistas oficiais fornecidas pela própria deputada que são de domínio público.

2. Objetivos

2.1 Geral

Como objetivo geral, o presente trabalho busca compreender como o discurso de Erika Hilton contribui para a quebra da hegemonia de uma política conservadora e elitista, na construção de novos significados e de uma nova identidade da política brasileira.

2.2 Específicos

Como objetivos específicos, estabelecemos os seguintes:

- Identificar quais os temas mais recorrentes nos discursos da deputada Erika Hilton e sua importância para a sociedade.
- Analisar quais são as estratégias discursivas utilizadas nesses discursos.
- Entender a importância da figura da deputada para a política brasileira.

3. Metodologia

O presente trabalho possui como base metodológica os estudos realizados acerca da Análise Crítica do Discurso (ACD), com ênfase nas análises propostas por Van Dick (2006) e por Norman Fairclough (1992), que se inserem no campo da

Análise Crítica do Discurso. Neste sentido, Van Dick, ao abordar a questão da relação entre discurso e poder, auxilia na compreensão das representações sociais e ideológicas que são materializadas no discurso, enfatizando como os textos refletem e reforçam ideologias. Fairclough complementa essa discussão ao apresentar um modelo de análise tridimensional, considerando o discurso como uma dimensão textual, discursiva e social, relacionado a estruturas de poder, hegemonia e ideologia.

Portanto, ambos os autores colaboram para que o trabalho não se torne uma mera descrição linguística, mas uma análise aprofundada dos discursos apresentados ao longo do texto, em especial o discurso da Deputada Federal Érika Hilton.

4. Contextualização teórica

4.1 Discurso e política: a importância do discurso na política

Segundo Michel Pêcheux, o discurso pode ser entendido como um mecanismo de realização de efeito de sentidos que ocorre entre os interlocutores sócio-historicamente determinados, no processo de interação entre os sujeitos do discurso.

Neste sentido, o discurso, a partir dessa interação, atua como um mecanismo de poder e, conseqüentemente, de controle social, no qual os discursos de uns se sobressaem aos discursos de outros, esses “outros” sendo geralmente aqueles que fazem parte de uma minoria social. Nesse sentido os discursos que são tidos como legítimos e que se sobressaem sobre esses outros discursos, são aqueles que advêm e algum lugar de poder, tais como o coercitivo (aquele que se utiliza da força), o econômico, o que ocorre através daqueles que possuem o conhecimento, o poder autoritário, etc. Ou seja, o discurso pode ser utilizado como uma ferramenta de opressão daqueles que são detentores de algum tipo de poder sobre aqueles que não possuem nenhum tipo de poder.

Ademais, o discurso se apresenta como uma ferramenta importante para aqueles que fazem parte da política, uma vez que é através do discurso que temos a construção da sociedade na forma como ela se encontra atualmente, principalmente por compreender que o discurso também ajuda na construção de

determinados imaginários, e influencia diretamente a opinião pública a respeito de determinados assuntos. Isso se torna evidente ao analisar a conjuntura política brasileira ao longo desses anos. Por exemplo, em 15 de novembro de 1889, Marechal Deodoro da Fonseca promulgou, de forma questionável, a Proclamação da República, no entanto, ao longo desses mais de 100 anos o Brasil nunca elegeu uma pessoa preta para o cargo de presidente da república, mesmo a população brasileira sendo composta por mais de 50% pessoas pretas e pardas. Apesar disso, o Brasil ainda chegou a eleger uma mulher para ocupar esse cargo tão importante, embora tenha sofrido um injusto impeachment, tornando-se uma das únicas figuras que sofreram esse tipo de processo ao ocupar esse cargo. Quando se observam os cargos de Deputados, sejam eles estaduais ou federais, e os cargos de Senadores, o cenário ainda se torna mais preocupante, uma vez que o número de pessoas pretas e de mulheres ocupando esses cargos é muito inferior ao esperado. Esse cenário se torna ainda pior, quando nos referimos ao público LGBTQIAPN+, que praticamente não ocupam esses cargos. Além disso, alguns deles só conseguem ocupar esses cargos apoiados em discursos que deslegitimam a sua própria existência, como é o caso do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (homem gay), filiado ao PSD (Partido Social Democrático), e do vereador de São Paulo, Thammy Miranda (homem trans), filiado ao PL (Partido Liberal), os quais, além de reproduzirem discursos homofóbicos/transfóbicos, exercem mandatos que não trazem nenhum tipo de avanço ou ao menos propostas com o objetivo de garantir a melhoria dos direitos do público LGBTQIAPN+. Ou seja, esses discursos contribuem na perpetuação dessas desigualdades, uma vez que são produzidos por homens cis, brancos, héteros, ricos e com um forte viés religioso cristão, geralmente filiados a partidos da extrema direita.

Portanto, é de extrema importância a presença de figuras que vão de encontro a esses discursos entranhados na política brasileira, para que assim existam avanços no que diz respeito ao direito das minorias e que o processo de isonomia seja realizado em sua plenitude, para que assim o discurso seja o poder que pertence a todos.

4.2 Principais fundamentos teóricos da Análise do Discurso

A Análise do Discurso surgiu na década de 60 e foi desenvolvida pelo filósofo Michel Pêcheux. Ela surge buscando entender o texto através dos seus múltiplos significados e enxergando o sujeito como protagonista do que está sendo dito, analisando também o que está em torno daquilo que foi dito. Portanto:

A Análise do Discurso tem como propósito o debate teórico e metodológico do discurso: a linguagem como prática social. Nesse sentido, a Análise do Discurso, seja qual for a sua orientação, se opõe à linguística formal. (Apud,Neves, 1997)

Nessa análise do discurso francesa descrita por Michel Pêcheux nos anos 60, o discurso, a ideologia e o poder se mostram como três conceitos fundamentais para o estudo dessa teoria. Através deles é possível entender como o mundo é constituído a partir da linguagem. Posteriormente, com o intuito de estudar e reconhecer a linguagem como essa prática social, surge, a partir dos estudos de Norman Fairclough, Análise Crítica do Discurso (ACD), diferenciando-se dessa análise do discurso inicial por ser politicamente posicionada. Ou seja,

A Análise Crítica do Discurso é essencialmente política em seu propósito com seus praticantes agindo sobre o mundo para transformá-lo e com isso contribuir para criar um mundo no qual as pessoas não sejam discriminadas devido a sexo, credo, idade ou classe social. (apud, Caldas-Coulthard e Coulthard, 1996:xi)

Não só para a Análise do Discurso, como também para essa Análise Crítica do Discurso, esses três conceitos mencionados anteriormente se mostram como essenciais. O discurso, como já dito anteriormente, pode ser entendido como a criação de efeito de sentidos entre os interlocutores sócio-historicamente determinados. Além disso, o discurso é um modo de ação, portanto é uma forma de dominação e também de representação social. Para Fairclough,

o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e

construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p.91)

A ideologia, por sua vez, aparece como um mecanismo que permite com que as relações de poder permaneçam conforme forem constituídas ou mudem mediante necessidades sociais. Neste sentido, a ideologia pode ser entendida como uma espécie de representação da realidade e, portanto, está intrínseca ao discurso, fazendo-se presente nos textos e na linguagem de várias maneiras e em vários níveis. Com isso, é possível dizer que todo sujeito possui uma ideologia, mas nem todo sujeito tem noção dessa sua posição ideológica, podendo também produzir sentidos através de suas próprias conexões. Por isso, Fairclough afirma que:

As ideologias construídas nas convenções podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas, e as pessoas podem achar difícil compreender que suas práticas normais poderiam ter investimentos ideológicos específicos. Mesmo quando nossa prática pode ser interpretada como resistência, contribuindo para a mudança ideológica, não estamos necessariamente conscientes dos detalhes de sua significação ideológica. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 120)

Enquanto isso, o poder está atrelado a hegemonia - um outro conceito importante que aparece na Análise Crítica do Discurso. Portanto, quando se fala em poder, na verdade, está-se tratando das práticas sociais que, juntamente com a linguagem, são capazes de contribuir para a manutenção da hegemonia de determinadas classes, ou seja, ajudam na manutenção das relações de poder. Para Fairclough:

o poder é implícito nas práticas cotidianas, que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios de vida social e são constantemente empregadas; além disso, o poder é “ tolerável somente na condição de que mascare uma grande parte de si mesmo. Seu sucesso é proporcional à sua habilidade para esconder seus próprios mecanismos” (1981:86). O poder não funciona negativamente pela dominação forçada dos que lhe são sujeitos; ele os incorpora e é produtivo no sentido de que os molda e reinstrumentaliza, para ajustá-los a suas necessidades. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 75).

Esses três conceitos, especialmente o discurso e o poder, ajudam na construção de uma identidade social, principalmente porque a produção de determinados discursos a partir de sujeitos que ocupam determinadas posições de poder ajuda a moldar o caráter social de uma determinada sociedade. A exemplo disso temos o discurso político. Esse discurso, que está dentro de uma ordem discursiva, pois através dele são produzidas diversas posições políticas – de esquerda, direita, neoliberal, etc –, causa um impacto direto nessa construção da identidade social. Quando se observa a sociedade brasileira, conseguimos perceber o quanto as ideologias evangélicas/neopentecostais, por exemplo, influenciam a opinião pública, mesmo em situações nas quais a política e a religião não deveriam se interseccionar, isto ocorrendo em virtude da existência de uma “bancada evangélica” dentro da Câmara de Deputados Federais. Por esses deputados ocuparem esse lugar de poder e por produzirem esse tipo de discurso religioso nesse espaço, o discurso político é atravessado por esse discurso religioso, e a sociedade brasileira acaba construindo uma identidade social marcada por um conservadorismo neopentecostal. Isto se torna interessante, quando se observa que, segundo dados divulgados pelo IBGE, a população evangélica do país só representa cerca de 26%. Portanto, a ideia de que se há uma dominação desse discurso no país ocorre justamente pelo fato de que determinadas pessoas ocupando cargos de Deputados Federais, passam a criar essa identidade para a política brasileira e, conseqüentemente, para toda a sociedade.

Portanto, este presente trabalho busca entender como o discurso produzido pela Deputada Federal Erika Hilton ajuda na quebra dessa hegemonia e quais são os recursos discursivos utilizados por ela. Os principais instrumentos de análise serão as entrevistas de domínio público cedidas pela deputada e seus projetos de leis.

5. Erika Hilton

Erika Santos Silva, mais conhecida como Erika Hilton, é ativista, ícone fashion e primeira mulher trans preta a ser eleita para o cargo de Deputada Federal. Nascida em Franco da Rocha (SP), em 1992, Erika Hilton, desde pequena, sempre teve que lidar com a presença de um discurso religioso-transfóbico que atravessa a sociedade brasileira. Durante a sua adolescência, Erika acabou sendo expulsa de

casa por sua mãe, Rosimere Pereira de Jesus, por influência de um fundamentalismo religioso que era muito presente em seu contexto familiar e é neste sentido que, em agosto de 2024, a própria Erika veio afirmar em uma entrevista ao programa “Provoca” da TV cultura, que *“não foi a sua mãe que foi cruel com ela, mas sim o fundamentalismo religioso”*¹. Ao realizar essa afirmação, além de demonstrar uma compreensão com a sua mãe, Erika realiza o chamado processo de ressignificação discursiva, no qual o agente da violência é deslocado do indivíduo para um sistema ideológico, essa ideologia em questão sendo a religiosa. Diante desse cenário antagonico, Erika se viu obrigada a trilhar destinos que ela não almejava para si, mas que diante das circunstâncias, se fazia necessário. E é nesse contexto que ela passa a sobreviver nas ruas e, conseqüentemente, e a sobreviver da prostituição, destino muito comum para as mulheres trans e travestis brasileiras. No entanto, a educação se mostra como um objeto de mudança social na vida de Erika e, com isso, ela conclui sua educação básica através do programa de Educação de Jovens e Adultos(EJA), e posteriormente se forma em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Paulo.

Atualmente, além de ser uma das figuras mais relevantes para a política brasileira, Erika se destaca por ser uma figura que possui uma relevância significativa nas redes sociais, alcançando uma popularidade interessante especialmente entre os mais jovens. Isso se dá em virtude do fato de que a deputada, através das mídias sociais e de uma linguagem jovem e acessível, apresenta ao grande eleitorado brasileiro como funciona a dinâmica da Câmara de Deputados e ajuda esse mesmo eleitorado a entender o significado de termos e siglas muito usados no âmbito político. Ao longo dessa mesma entrevista, a deputada afirma que a “sua intenção é transformar a política em algo pop e palatável”, mostrando que ela entende o quanto a linguagem é um mecanismo de prática social e que, portanto, sabe utilizá-la para realizar uma mudança na conjuntura da política brasileira.

5.1 A ascensão de Erika Hilton na política brasileira

¹ Todas as falas e textos da deputada Erika Hilton serão transcritas em itálico.

Atualmente filiada ao PSOL, Erika Hilton inicia sua carreira política ainda na universidade, quando fazia parte dos movimentos políticos-estudantis, mas é em 2015, quando ela ganha uma disputa judicial com uma empresa de ônibus que recusou a imprimir seu nome social na sua passagem, que sua persona política ganha uma visibilidade que ultrapassa os muros da universidade.

Com a repercussão do caso e com sua luta constante pelos direitos das pessoas trans, em especial das mulheres trans e travestis, Erika chama a atenção de partidos políticos e, em 2018, passa integrar a Bancada Ativista, que lança uma candidatura coletiva para uma vaga na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP) e é eleita.

Após esse período atuando junto a uma bancada, Erika resolve lançar a sua própria candidatura, e no final de 2020 é eleita para o cargo de vereadora, acumulando mais de 50.000 votos e se tornando não apenas a primeira mulher travesti preta a ocupar esse cargo, como também a vereadora mais votada do país naquela eleição.

Com amplo destaque no cargo de vereadora, Erika lança a sua candidatura para o cargo de Deputada Federal por São Paulo, na eleição de 2022, e mais uma vez obtém êxito. Na ocasião, ela foi eleita com 256.903 votos, tornando-se a primeira travesti negra da história da política brasileira.

Desde seu início na política, Erika se mostrou preocupada com as pautas que causam impactos direto na vida das pessoas que fazem parte das minorias sociais. Portanto, é muito comum vê-la envolvida em Projetos de Leis que tenham como temática o direito das mulheres, sejam elas cis ou trans, das pessoas pretas, dos povos indígenas, dos trabalhadores, do meio ambiente e da comunidade LGBTQIAPN+. Ela é responsável, por exemplo, por ser a autora do Projeto de Emenda Constitucional que decreta o fim da escala 6x1, que faz com que o trabalhador trabalhe durante seis dias e folgue apenas um. Após a sua PEC, a temática foi amplamente debatida, em especial entre os trabalhadores, que passaram a refletir sobre o quanto essa jornada de trabalho é desumana.

Talvez muitos enxerguem a Erika Hilton como alguém que venceu o sistema, mas a verdade é que a Erika venceu, apesar do sistema, ou como ela própria disse *“me parece que sempre lutaremos”*.

6. Erika Hilton e a importância do seu discurso para a política brasileira

As pessoas trans, apesar de, segundo estimativas – são estimativas, pois não há dados oficiais que comprovem isto –, representarem cerca de 2% da população brasileira, estão sempre presentes nos discursos políticos de forma negativa ou como ameaça, em especial no discurso político brasileiro. No entanto, ao analisar a conjuntura da política brasileira, é possível perceber que a população trans do país praticamente não possui nenhum tipo de poder político ou econômico. Por exemplo, a primeira mulher trans eleita para o cargo de Deputada Estadual foi a recifense Erica Malunguinho, em 2018, eleita como deputada pelo estado de São Paulo, e só em 2022 o Brasil conseguiu eleger a primeira mulher trans para o cargo de Deputada Federal. Além disso, cerca de 90% das mulheres trans do Brasil vivem da prostituição, ou seja, sem poder político e financeiro, como a população trans pode ser vista como uma ameaça para a sociedade brasileira a ponto de precisar ser combatida pelos políticos do país? A verdade é que a população trans é usada pelos políticos brasileiros como uma estratégia política de distração, na qual, enquanto eles apresentam as pessoas trans como uma ameaça social, um inimigo em comum, especialmente em uma sociedade cada vez mais conservadora, os reais problemas vão sendo pouco discutidos. Ou seja, os políticos brasileiros utilizam o medo da “invasão trans” como uma ferramenta de poder, fortalecendo o poder nas mãos daqueles que sempre o detiveram. Segundo Van Dijk, esse cenário é uma estratégia de polarização recorrente entre os grupos dominantes, na qual esse grupo dominante busca criar uma narrativa maniqueísta entre o “eles contra nós “. Diante desse cenário, a Deputada Erika Hilton costuma realizar discursos que, para uma dimensão sócio-discursiva, redefine o seu lugar de fala enquanto mulher trans dentro da instituição, como em um dos seus pronunciamentos no plenário, no qual a Deputada disse o seguinte: “*A minha presença aqui já é um ato de ruptura. O que incomoda alguns colegas não é o que eu digo, é o que eu sou*” (2023), ou quando ela disse: “*O meu corpo dentro deste plenário é um ato político que vocês não podem silenciar*” (2024). Neste sentido, os discursos de Erika Hilton, além de redefinirem esse lugar de fala de uma mulher trans dentro da política brasileira, também contribui para a quebra de uma hegemonia tradicional que excluem figuras como a de Erika, além de exibir uma resistência contra o controle simbólico exercido pelas elites brasileiras. É o discurso atuando como prática social.

6.1 Erika Hilton e a importância dos seus Projetos de Leis para a quebra da hegemonia

A Câmara de Deputados Federais é, sem dúvidas, um espaço de poder e um símbolo importante da política brasileira. No entanto, esse espaço de poder sempre foi ocupado, majoritariamente, por homens brancos, cis e héteros, que sempre tiveram em seus horizontes Projetos de Leis (PLs) e Projetos de Emendas Constitucionais (PECs) que não tinham como objetivo a criação ou o fortalecimento dos direitos de minorias, tais como os da população LGBTQIAPN+. Nesse sentido, a Deputada Federal Erika Hilton, ao conseguir ocupar esse espaço de poder, passou a se posicionar como uma figura de luta e resistência a esse sistema que sempre oprimiu pessoas como ela. Essa luta e resistência é refletida em seus Projetos de Leis e Projetos de Emendas Constitucionais, uma vez que a maioria deles são voltados, justamente, para os direitos das minorias sociais.

Entre os anos de 2023, 2024 e 2025, a deputada criou alguns projetos que tinham como objetivo o fortalecimento dos direitos das mulheres. No PL 950/2023, cuja ementa *“Institui a licença remunerada às vítimas de violência doméstica e familiar, a Licença Maria da Penha”*, a deputada demonstra um conhecimento acerca da problemática da violência doméstica que assola milhões de mulheres brasileiras, ao propor uma remuneração a essas mulheres. O intuito da deputada é fazer com que essas mulheres consigam ter um aporte financeiro, mesmo que momentâneo, para que elas consigam buscar soluções que as distanciam de seus agressores.

A deputada Erika, por entender como a violência também é algo presente na vida das mulheres trans e travestis, criou a PL 1058/2023, com a seguinte ementa: *“Dispõe sobre a obrigatoriedade da Central de Atendimento à Mulher (Disque 180) de garantir atendimento e encaminhamento especializado às mulheres transexuais e travestis vítimas de violência. Ambos os projetos revelam o quanto a deputada Erika Hilton utiliza a linguagem como um mecanismo de mudança social, uma vez que, ao elaborar projetos que discutem determinadas temáticas, a deputada denuncia problemas que por vezes são silenciados por esse sistema. Além disso, é possível observar o quanto a interseccionalidade, termo cunhado pela intelectual estadunidense Kimberlé Crenshaw em 1989 e que posteriormente foi trabalhado*

pela também estadunidense Angela Davis(2016) que analisa a interação entre três ou mais categorias de opressão como gênero, raça e classe, é algo presente nos projetos da deputada, uma vez que suas discussões não se restringem a discutir apenas questões voltadas para a violência contra mulheres trans ou pessoas que compõem a comunidade LGBTQIAPN+, mas de todo um grupo minoritário. Esta ideia também se manifesta em seus discursos orais. Durante seu discurso para o *Prêmio Congresso em Foco*, em agosto de 2025, a deputada afirmou o seguinte: *"A nossa chegada ainda é tão difícil. O Congresso Nacional ainda não suporta, não tolera a chegada da diversidade, da dissidência. A chegada daqueles e daquelas que sempre estiveram do lado de fora e que agora entram pela porta da frente, de cabeça erguida, dizendo: 'Nós mulheres negras, nós pessoas LGBTQs, nós travestis e transexuais temos um projeto de poder para este país'".* Ao realizar essa afirmação, a deputada, além de apresentar essa questão da interseccionalidade, desloca o conflito político para um campo identitário, com o seu discurso mais uma vez operando como prática social, rompendo com a hegemonia histórica masculina e cisnormativa da Câmara.

Durante todo o ano de 2025 a deputada conseguiu fazer com que toda a sociedade passasse a discutir a respeito de uma temática de extrema importância para classe trabalhadora, mas que ainda não havia sido discutida em ampla escala, que é a questão da redução da jornada de trabalho. A discussão foi introduzida a partir do projeto apresentado pela deputada Erika Hilton, a PEC 8/2025, que discute, justamente, a redução da jornada de trabalho. O assunto gerou uma repercussão nacional, passando a ser amplamente discutido pela população brasileira e também por aqueles que constituem a política do país. A repercussão fez com que a temática que, anteriormente, não parecia ser algo palpável para o trabalhador, passasse a ser algo possível. Em um vídeo oficial sobre a PEC da carga horária, a deputada afirma o seguinte: *"O trabalhador brasileiro não pode ser tratado como máquina. Ele trabalha seis dias para descansar um. Isso não é desenvolvimento, é exploração."* Ao realizar tal afirmação, Erika utiliza o par conceitual retratado em desenvolvimento versus exploração, que, segundo Van Dijk, é uma estratégia de detalhamento semântico que organiza a percepção ideológica. Além disso, ela utiliza a metáfora da "máquina" para reforçar a necessidade desse processo de humanização, sendo esse um recurso linguístico muito utilizado por ela.

6.2 Erika Hilton e a importância de sua presença nas mídias sociais para a construção de novos significados

Os discursos conservadores que se fazem presentes nas Câmaras de Deputados Federais e dos Senadores é reflexo de uma sociedade que possui em suas raízes a presença de um discurso totalmente conservador. O discurso conservador é hipócrita, cujo lema principal é a ideia de “Deus, pátria e família” não é algo exclusivo da geração atual, ou que passou a ser difundido nas eleições de 2018. Esse tipo de discurso, apesar de ser difundido com uma outra roupagem, já era propagado pela sociedade burguesa do século XIX, que tinha a sua hipocrisia exposta por autores, como os realistas, por exemplo, em obras como *Memória Póstuma de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis. Apesar disto, há também a presença de um discurso progressista que, mesmo de forma lenta e gradual, foi surgindo ao longo dos anos e se fazendo cada vez mais presente na sociedade brasileira, especialmente entre as gerações mais jovens. É neste sentido que a deputada Erika Hilton tem a intenção de *transformar a política em algo pop e palatável* (fala da deputada para o programa Provoca, TV Cultura, em 2024). Com isso a deputada cria uma nova ordem discursiva, na qual ela mistura elementos do entretenimento com o discurso da política tradicional. Além disso, ajuda na quebra da barreira que sempre existiu entre o discurso institucional político e o discurso midiático, mostrando que o discurso da deputada reforça a ideia de como a linguagem pode ser utilizada como uma ferramenta de mediação social.

Ademais, a deputada entende que sua presença no Congresso Nacional causa um determinado incômodo na classe conservadora, que também ocupa esse espaço, e, por isso, ela assume uma postura combativa e quase irredutível. No entanto, esse tipo de postura tomada pela deputada é algo que não surge do inconsciente, uma vez que ela possui um determinado controle do seu discurso, pois compreende que determinadas coisas que diz podem causar um determinado tipo de reação no Congresso. Portanto, a deputada sabe o que deve ser dito e como deve ser dito. O que confirma essa análise é que, durante a entrevista concedida ao programa Provoca, da TV Cultura, citada anteriormente, a deputada afirma que ela busca ser “*uma travesti que não corresponde a nada sobre os estereótipos sobre travestis*”. Ou seja, a deputada, através de escolhas linguísticas e discursivas,

consegue assumir uma postura na qual consegue ser leal aos seus ideais, ao mesmo tempo em que mantém um diálogo.

A presença de Érika Hilton de forma ativa, interativa e sem o estereótipo de performance que se espera de uma deputada em suas redes sociais, também é outro ponto importante de se analisar. É muito comum se deparar com publicações nas quais é possível observar a deputada assumindo uma postura que se aproxima muito de seus eleitores. Por exemplo, durante a turnê da cantora estadunidense Beyoncé, a deputada fez a seguinte publicação em sua conta oficial no “X”, antigo Twitter: *“MEU DEUS ESTOU PASSANDO MAL. Aproveitei que estava em atividades políticas em Portugal e vim para Paris ver a Queen Beyoncé”*. Em outra publicação a deputada afirmou o seguinte: *“Pra não ter briga por ingresso pra Beyoncé no Brasil em 2024 cabe à nossa Ministra @MagaAfroPop conseguir um show de graça no Ibirapuera.”* Ambas as publicações mostram essa postura assumida pela deputada, que permite com que o público, que sempre enxergou a figura de uma parlamentar como tradicional e engessada, passe a ter interesse pela vida de Erika, que foge desse lugar comum entre os deputados e deputadas. Não é por acaso que muitos de seus eleitores já não a tratam mais como a Deputada Federal, mas quase como uma diva pop, pois fazem fãs clubes para ela em suas redes sociais e possuem interações muito similares aos de fãs de cantoras pops com suas artistas favoritas. Ao atrair esse público, a deputada também aproveita para discutir temáticas mais sérias e que são de extrema importância para o desenvolvimento da sociedade, como a problemática que está em volta das fake news. Em uma outra publicação realizada também através do Twitter/X, em 2023, a deputada realizou a seguinte afirmação: *“Enquanto inventam mentiras para espalhar ódio, nós seguimos falando de direitos, políticas públicas e vida real”*. Já através de um vídeo publicado em janeiro de 2025, em seu Instagram oficial, a deputada disse o seguinte: *“Estão mentindo para você, mentindo para você que trabalha duro nesse país todos os dias por uma vida mais digna. Estão colocando medo em você para se beneficiarem, estão querendo que você acredite em algo que nunca existiu. O governo Lula nunca defendeu a taxaço do pix”*. Nestas duas afirmações é possível observar o uso da estratégia de positivação do in-group (o nós) e a negatização do out-group (o eles), como explica Van Dijk(2006).

A mesma estratégia é vista nos programas de entrevistas que Érika decide participar. É muito comum ver a deputada participando de programas que possuem

um caráter mais voltado para o entretenimento do que para um viés político ou jornalístico, ou seja, programas nos quais os telespectadores não estão esperando que alguém vá discutir questões políticas, e é nesse contexto que a deputada sempre aproveita para tratar de assuntos políticos. O episódio que materializa essa análise é a participação da deputada no programa “De frente com Blogueirinha”, da Dia Tv, uma emissora que transmite seus programas pelo Youtube. O programa em questão é uma entrevista no qual a entrevistadora utiliza como recurso linguístico a ironia, e os assuntos abordados são sempre subjetivos, com o intuito de entreter o telespectador. E foi nesse contexto que, em sua participação no ano de 2024, ano de eleições municipais, a deputada conseguiu explicar como funcionava a criação de um Projeto de Lei, explicando de forma bem didática todo o processo: *“Vamos lá, pensa-se a lei. Vamos escrever a lei. Então escreve-se o texto, escreve-se os artigos da lei, escreve-se a justificativa da lei. Por que que nós estamos propondo tal projeto? Depois vai-se atrás das assinaturas para conseguir colocar aquilo para ser votado, para ser aprovado. A gente também precisa, dentro de um negócio que chama Colégio de Líderes, porque elas precisam passar pelas comissões...”*. Além disso, ao ser questionada sobre ocupar o cargo de presidente do país, refletiu sobre quão difícil seria ela conseguir esse feito, uma vez que o Congresso Nacional atual é atravessado por um discurso tradicional religioso fundamentalista. Para isso ela fez a seguinte afirmação: *“Se um dia eu chegar ao cargo de presidente da república, eu quero ter mais bagagem, mais experiência, mais trajetória (...) com o Congresso atual, ainda prefiro ser deputada.”*

Durante toda a sua entrevista, Erika utiliza estratégias linguísticas que fazem com que seu discurso opere como uma ferramenta de prática social (Fairclough, 2001), ajudando a redefinir o significado de hegemonia dentro de um sistema político democrático. Ou seja, os movimentos discursivos realizados pela deputada, são, segundo Fairclough, uma tentativa de recontextualização, ou seja, uma tentativa de inserir novos valores em conceitos estabilizados.

7. Conclusão

Ao realizar a análise as falas da Deputada Federal Erika Hilton através dos estudos propostos por Van Dijk (2006) e Norman Fairclough (2001), é possível concluir que o seu discurso atua como elemento importante que ajuda para a

quebra da hegemonia presente na política brasileira, além de contribuir para a construção de novos significados. Ao utilizar a linguagem como prática social, assim como fora proposto por Fairclough, a deputada rompe com o padrão hegemônico que, ao longo da história, moldou todo o discurso político atual do país, discurso esse que acaba sendo caracterizado pela predominância de vozes masculinas, cisgêneras, brancas e heterossexuais. Com isso, a sua trajetória e os seus posicionamentos demonstram que o discurso pode ser uma ferramenta de empoderamento e de visibilidade para sujeitos que foram historicamente marginalizados.

Ademais, tendo como base os postulados de Van Dijk, é possível compreender que o discurso de Erika Hilton escancara as relações de poder que estão presentes na política brasileira. Além de escancaranar, o discurso da deputada também contribui para o combate às estruturas de poder e dominação presentes na sociedade, especialmente quando denuncia as desigualdades que atravessam corpos e identidades de grupos minoritários. Ao propor projetos de lei que defendem o direito das mulheres, das pessoas LGBTQIAPN+ e dos trabalhadores, Érika Hilton não apenas ocupa um espaço de poder, mas traz um novo significado para ele, transformando esse espaço em lugar de luta e de representatividade.

Através de sua linguagem acessível, com tons de afetividade e firmeza, e com uso recorrente de figuras de linguagem, como a ironia e a metáfora, a deputada busca aproximar o público jovem e as minorias políticas de debates que historicamente foram restritos, tornando a política mais democrática e de fácil assimilação. Portanto, conclui-se que a Deputada Federal Érika Hilton surge como um símbolo de uma nova identidade política brasileira que vem crescendo nos últimos anos: uma identidade plural, repleta de interseccionalidades e comprometida com a justiça social. A sua presença e o seu discurso na Câmara Federal não apenas desafiam as estruturas de poder vigentes, mas também apontam caminhos para uma política mais plural e acessível.

Referências

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Introdução à Análise de Discurso Crítica*. Disponível em:

https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/discursos-e-notas-taquigraficas/analise-de-discursos/introcucao-a-analise-de-discursos_020513. Acesso em: 18 out. 2025.

CONGRESSO EM FOCO. *O Congresso ainda não suporta a chegada da diversidade, diz Érika Hilton*. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/18876/o-congresso-ainda-nao-suporta-a-chegada-da-diversidade-diz-erika-hilton>. Acesso em: 20 de nov. 2025.

Crenshaw, K. W. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. *University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, n. 1, p. 139–167, 1989.

DIATV. **De Frente com Blogueirinha – Erika Hilton (T3E15)**. Entrevista concedida a Blogueirinha. São Paulo: DiaTV, 16 set. 2024. Vídeo (aprox. 1h). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E6gDogl12Xo>. Acesso em: 20 de nov. 2025.

Duka, Marília. *Angela Davis. Todo Estudo*. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/filosofia/angela-davis>. Acesso em: 22 nov. 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. (Título original: *Discourse and Social Change*, 1992).

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Sintaxe e discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 1996.

HILTON, Érika. *Sobre a deputada*. Disponível em: <https://erikahilton.com.br/sobre-a-deputada/>. Acesso em: 18 out. 2025.

MAGALHÃES, Izabel. *Introdução: a análise de discurso crítica*. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 1-9, 2005. doi:10.1590/S0102-44502005000300002.

TV CULTURA. *Provoca – Erika Hilton*. Entrevista concedida a Marcelo Tas. São Paulo: TV Cultura, 20 ago. 2024. Vídeo (28 min). Disponível em: [\(8\) DE FRENTE COM BLOGUEIRINHA: ERIKA HILTON - T3E15 | DiaTV - YouTube](#) Acesso em: 20 nov. 2025.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

WODAK, Ruth. *Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos*. *Revista Linguagem em (Dis)curso – LemngD*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 223-243, 2004

